



VIOLÊNCIA

Grupos armados avançam no Rio

Levantamento aponta expansão das milícias na região metropolitana da capital. Mais de 4,4 milhões de pessoas estão sob o jugo do crime organizado. Especialistas defendem ações permanentes

» JOÃO GABRIEL FREITAS*

Área de influência das milícias na Região Metropolitana do Rio de Janeiro cresceu 387,3% entre 2006 e 2021, de 52,60km² para 256,28km². Isso significa que 10% do Grande Rio está sob domínio desses grupos. Os dados são do Mapa dos Grupos Armados, estudo do Instituto Fogo Cruzado em parceria com o Grupo de Estudos dos Novos Illegalismos, da Universidade Federal Fluminense (GENI-UFF), lançado ontem. Além do crescimento de milícias, a pesquisa revela que 20% da região está sob o domínio de algum grupo armado.

Segundo cálculos do estudo, o poder das organizações criminosas afeta 4,41 milhões de pessoas na capital fluminense. Entre os grupos conhecidos, a facção Comando Vermelho controla a maior concentração populacional, com 2.042.780 habitantes. O grupo expandiu sua região de influência em 58,8%, de 130,26km² para 206,83km². No entanto, mesmo com altas nos números absolutos, houve uma redução de 31,2% na participação do CV sobre o total das áreas controladas — em 2006 era de 58,6% e passou para 40,3%.

Nesse sentido, segundo relatório do Instituto Fogo Cruzado, as milícias são as principais responsáveis por esse aumento do domínio de grupos armados. “A análise da série histórica permite constatar que a maior parte da expansão das milícias ocorreu por incorporação de áreas onde antes não havia controle territorial algum e não por meio da conquista de espaços controlados por outros grupos”, analisa o estudo.

Maria Isabel Couto, diretora do Fogo Cruzado, é enfática ao dizer que desconhecer as organizações criminosas e como elas se articulam regionalmente é um atraso para a gestão pública. “Não conhecer a dinâmica das milícias e facções é desperdício de dinheiro público, é fazer política sem conseguir monitorá-las.”

Para Ignacio Cano, professor de segurança pública da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), combater as milícias é

mais difícil do que outros grupos armados porque elas estão integradas a membros do próprio Estado. Cano afirmou que as investigações são mais eficientes do que as ações bélicas em campo, mas é necessário uma complementação para recuperar o poder sobre o território. “Mesmo que prenda um ou dois milicianos, se você não ocupa aquele território, eles continuam exercendo o domínio e suas atividades na região”, observou o especialista.

“Aliado à relativa omissão por parte do estado, o que contribui para a ascensão das milícias é o enfraquecimento do tráfico. Em segundo plano, as milícias ficaram mais dispostas a incluir o tráfico entre suas atividades”, descreveu o especialista. “Para evitar o domínio de grupos armados, o Estado tem que se fazer presente, pelo menos durante um tempo, até que as relações mudem e seja inviável a presença dos grupos. Se o Estado não se faz presente de forma ativa por meio de patrulhamento, além da investigação, não vejo a possibilidade de acabar com esses grupos”, acrescentou.

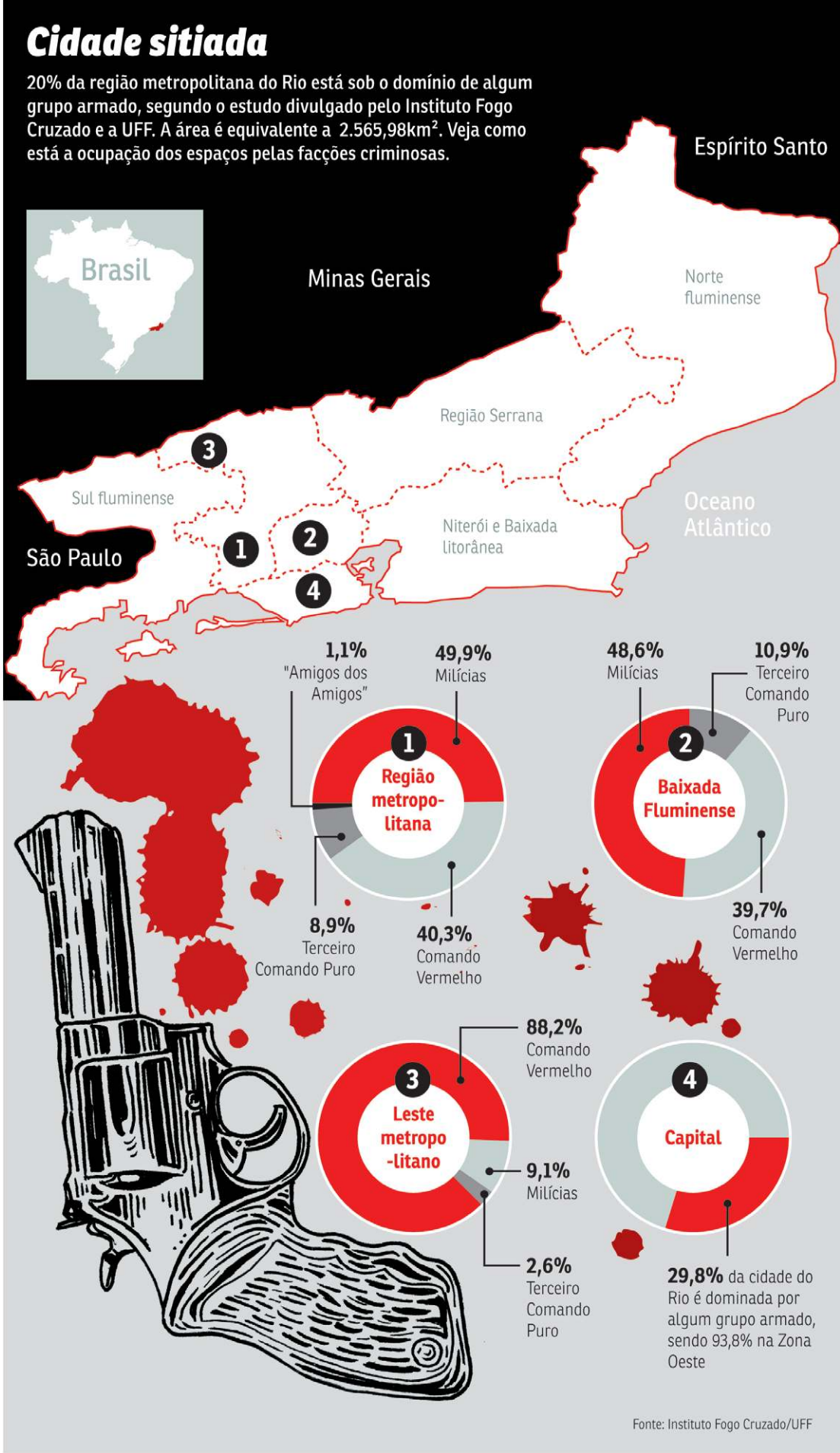
Regiões dominadas

O Mapa dos Grupos Armados mostra que a Baixada Fluminense é palco de uma grande disputa entre as organizações criminosas. Ao todo, 63,1% dos 89.38km² de expansão total do Comando Vermelho foram conquistados na região. A Baixada é também onde o Terceiro Comando Puro apresenta maior avanço nos últimos oito anos — 16,22km² dos 20,99km² de aumento territorial.

Já no Leste Metropolitano, formado por municípios como Niterói e São Gonçalo, há hegemonia de uma única facção. Ao longo de todo o período, o Comando Vermelho é prevalente.

Na capital do estado, 29,8% do território é dominado por algum grupo armado. As milícias assumiram a primeira posição como maior grupo armado há cerca de uma década. Elas controlam 74,2% das áreas ocupadas por grupos armados na cidade do Rio de Janeiro.

*Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza



Feminicídio em São Paulo

Um homem acusado de matar a ex-mulher e o filho de dois anos em São Paulo teve a prisão em flagrante convertida para temporária na tarde de ontem. Ezequiel Lemos Ramos, de 39 anos, foi detido na segunda-feira após matar a tiros a ex-mulher, Michelli Nicolich, de 37 anos, e o filho mais novo, no Parque São Rafael, zona leste da capital.

Ezequiel Ramos tinha registro de CAC (grupo que engloba caçadores, atiradores e colecionadores). Ele vai responder por duplo homicídio doloso qualificado, feminicídio e tentativa de homicídio.

Ezequiel chegou a ser preso em flagrante em maio deste ano, após Michelli registrar boletim de ocorrência contra ele por ameaça e posse irregular de arma de fogo. Ele ficou na cadeia por pouco mais de dez dias e foi colocado em liberdade provisória por decisão judicial.

Delegado titular do 49º Distrito

Policia (São Mateus), Leandro Resende Rangel afirmou que o crime ocorreu no trajeto da escola dos filhos do acusado. “Como ele sabia que a ex-mulher ia passar pelo local, que era o caminho que ela fazia para buscar os filhos na escola, ficou esperando lá”, disse.

“Quando ela passou com o carro, ele deu um monte de tiro e acabou atingindo um dos filhos e ela”, continuou Rangel, que aguarda a conclusão dos laudos sobre o número de disparos. A mulher perdeu o controle do veículo, um Fiat Uno branco, durante a emboscada, e bateu em um poste.

No carro estavam Michelli e os dois filhos do ex-casal: o mais novo, de 2 anos, que também foi assassinado, e o mais velho, de 4, que acabou não sendo atingido pelos disparos. O crime ocorreu por volta de 16h10 de segunda-feira e Ezequiel foi preso em flagrante em seguida.

A carabina usada no crime ainda

não foi localizada pela polícia. “A arma foi furtada durante a confusão que se deu no momento em que ele foi preso. Não temos a informação de um comparsa, mas a gente não descarta essa possibilidade totalmente”, explicou o titular do 49º DP.

Com o registro de CAC, Ezequiel tinha facilidade de acesso a armas. “Ele pode comprar arma — tinha uma registrada no nome dele —, pode ter arma em casa e transportar para o estande e de volta do estande”, esclareceu o delegado Leandro Rangel.

A quantidade de armas registradas por caçadores, atiradores e colecionadores quase triplicou desde dezembro de 2018. Em julho deste ano, esse número ultrapassou a marca de 1 milhão de registros. Os dados são dos Institutos Igarapé e Sou da Paz.

Em razão de ameaças anteriores, Ezequiel estava proibido de se aproximar de Michelli, familiares

Reprodução



Câmeras de segurança registram o crime: vários tiros de carabina

e testemunhas. Não podia, ainda, manter contato com a vítima por qualquer meio de comunicação; e estava impedido de permanecer no lar de convivência com a ex-mulher. Essas medidas, no entanto, foram insuficientes.

Dados da Secretaria da Segurança Pública (SSP) de São Paulo indicam que, até julho deste ano, 34 mulheres foram vítimas de

homicídio doloso (quando há a intenção de matar) na capital paulista. Treze casos (38,2%) foram registrados como feminicídio.

No mesmo período de 2021, a Polícia Civil contabilizou 57 mulheres vítimas de homicídio na capital — 22 por feminicídio. Ao longo de todo ano passado, foram 87 homicídios dolosos contra mulheres e 33 feminicídios.

MENINGITE

Vacinação vai incluir jovens de 13 e 14 anos

» TAINÁ ANDRADE

O Ministério da Saúde incluiu, temporariamente, a vacina meningocócica ACWY, que combate a meningite, no Programa Nacional de Imunizações (PNI). Até junho de 2023, adolescentes de 13 e 14 anos também poderão se vacinar, além da faixa etária que já era permitida, entre 11 e 12 anos. Apesar dos maiores riscos de complicações ocorrerem em crianças, são adultos e jovens os agentes responsáveis pela circulação da bactéria, por isso a pasta decidiu ampliar a idade.

A ação tem o intuito de reduzir o número de portadores da bactéria causadora da doença, já que pesquisas demonstram que a resposta imune dos adolescentes mantém anticorpos protetores por mais tempo. Mesmo que o jovem tenha tomado a vacina quando criança, a indicação é receber a dose de reforço. A doença é transmitida pelo ar, provoca inflamação na meninge, membrana que envolve o cérebro e a medula espinhal. Pode deixar sequelas neurológicas, auditivas e dores crônicas.

Junto com essa mudança, também foi ampliada a vacinação para o combate ao Papilomavírus Humano (HPV). O Sistema Único de Saúde (SUS) só contemplava duas doses do imunizante, com intervalo de seis meses entre cada uma, para meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos. Agora, qualquer adolescente, independentemente do gênero, pode tomar a vacina contra o vírus que pode ocasionar câncer do colo do útero, vulva, vagina, região anal, pênis e orofaringe.

Também podem receber o imunizante gratuitamente pessoas vivendo com HIV/Aids, transplantados de órgãos sólidos, de medula óssea e pacientes oncológicos, todos entre 9 e 26 anos. Para esses pacientes, são necessárias três doses, com intervalos de dois e seis meses após a primeira.

Diferentemente do que ocorre na prevenção à meningite, a ampliação dos perfis que podem tomar a vacina do HPV é permanente. Essa é a melhor maneira de combater as doenças derivadas do papiloma vírus, principalmente se for aplicada em uma idade anterior ao início da vida sexual. Incorporada de forma escalonada ao SUS, a dose é aplicada gratuitamente. No Brasil, estima-se que há de 9 a 10 milhões de infectados, com o surgimento de 700 mil novos casos novos a cada ano. A doença é responsável por quase a totalidade dos cânceres do colo do útero, por mais de 90% dos casos de câncer anal e por 63% dos cânceres de pênis.

» PCR negativo para vir ao Brasil

O governo federal autorizou a entrada ao país de viajantes não vacinados contra covid-19. Apesar da flexibilização, os desembarques só ocorrerão mediante apresentação de teste PCR negativo, realizado um dia antes da viagem, para o caso de viagens aéreas. Quem contraiu covid 90 dias antes da viagem deve apresentar dois testes PCR negativo, com intervalo de 14 dias entre um e outro, sendo o último datado um dia antes do deslocamento.